

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

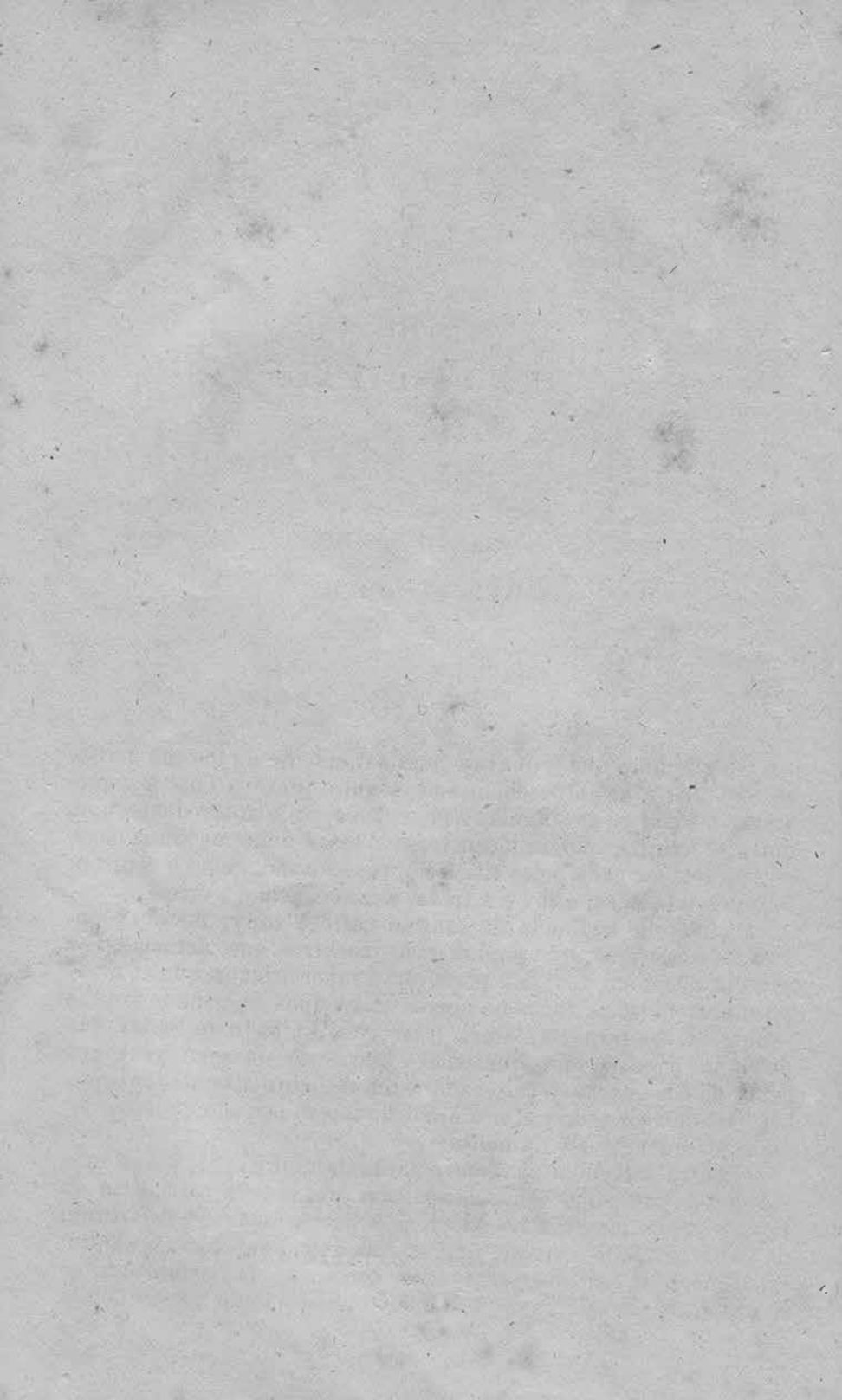
QUARTO ANNO

MAIO

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875





CASIMIRO DE ABREU.

Lith. de J. Alves Leiro.



SERÕES DE UM TROPEIRO

(COLLECÇÃO DE CONTOS SERRANOS)

O TENENTE NICO

X

Na alfombra que formava a cupula frondente do mesmo matto, ao som dos murmures do mesmo regato, junto a cuja margem vimos deslizar-se as singelas scenas do capitulo antecedente, uma outra se exhibia, porém tão diversa d'essas e tão medonha como o contraste formado pelos sitios em que se davão, como o confronto que estabelecem a luz e a treva, a innocencia e o crime.

Da mescla hedionda do sangue cafre e tupy, mescla repugnante e perversa, que produz esses monstros, que, deturpando a especie, põem em duvida a perfeição e superioridade, que se arroga o homem sobre todos os outros individuos da grande familia zoologica, era provindo Israel, o bugrito, afilhado de Nhára, um dos dous personagens, que vamos encontrar na semi-treva que reina no ôco enorme e calcinado de um vetusto e alteroso pinheiro, erguido entre o pedregal e o brêjo, do tapete farpado do caraguatazal no mais recesso da matta.

O outro descendia da raça bastarda da civilisação, d'essa raça maldicta, que como echo da palavra unguida do patriarcha de Chiápa veio encontrar na America a perseguição e o infortunio de par com a morte moral, que a seu turno derramão no halito impestado que exhalão, como nas cercanias da boycinga, se lhe aspira o acre da bava venenosa, infeccionando a sociedade a

que conchegão-se esses infelizes pariás de nossa idade. Era o segundo personagem um velho africano, pai Matheos, por antonomazia, o *mandingueiro*.

O aspero repugnante d'estas duas physionomias, que quebrava a harmonia hypocraciana nos escavos angulosos das temporas achatando-se razas até as disformes protuberancias do occipicio, pondo em relevo justamente as tres subdivisões em que, segundo sua singular theoria, Gall considerava a sede dos mais perversos instinctos, quaes os da crueldade, da manha e do roubo.

Ao vel-os ali, atravez do cipoal entretecidos em parda e grossa tea, acorados na penumbra, que embastia o fundo da caverna da gigantesca araucania, esses dous typos massigos de hediondez e perversão, pelo cinzento azevichado e lixoso da pelle e carapinha de um e o acobreado desmaiado, ou asso da epiderme e o vermelho da guedelha do outro, crer-se-ia ter ante os olhos dous collossaes specimens da nauseabunda familia arachnidea, se taes não erão pelo delecterio da peçonha, que lhes porejava d'alma, esses dous vis e abjectos entes.

Quando os encontramos acabavão elles de firmar um pacto monstruoso, cujo plano a muito tempo ruminavão esses dois engenhos do mal, e que consistia no rapto de Nbara e das duas mulatas mucamas, que conhecemos na caravana da dona do Pinheiro secco, e no exterminio pelo assassinato das duas familias e o incendio de suas propriedades.

Era autor do tenebroso trama o mandingueiro, e seu braço executor o bugrinho, tendo aquelle por complices alguns outros escravos da estancia, e este a um troço de corçados, desertores o negros fugidos, temiveis bohemios, que infestão ainda hoje a serrania da provincia, especialmente a de Taquary, onde é tradicção existirem em formidaveis quilombos.

Israel havia pertencido a essa horda de vandalos, de que fôra chefe seu pai, esse terrivel quilombola, que durante longos annos aterrou e depredou a vasta área que se comprehende entre Passo Fundo, Taquary, São Leopoldo, Santo Antonio da Patrulha e Torres, theatro de suas correrias e espantosos crimes, e pois facil lhe foi tomal-os para alliados interessando-os no premeditado attentado.

O dia da carta escolhido pelo patriotico beriba para o casamento de seu filho, foi tambem designado pelos soturnos e cruéis conspiradores para a realisação do nefando plano, a um signal convencional dado pelo bugrito, que para facilitar a aproximação dos complices ha muito tempo aplanava as difficuldades, começando pela matança da soberba cachorrada da dona Marucas.

Raro era o dia que não apparecia picado de cobra, ou morto,

um d'esses famosos e heroicos animaes tão amigos do homem, graças ao infernal expediente de Israel para mata-los.

Não era estranho a alguém o banhado da cotyara, onde raro animal entrava, que sabisse, pois era esse immenso tremedal, incado de caragnatá e macega brava, um foco d'essas temiveis serpentes de malha cõr de lama, vulgarmente denominadas jararacussú do banhado, jararaca de cruz na cabeça, ou cotyara, d'onde veio o nome ao brejal.

Ninguem ousava nem approximal-o, a não ser com toda a precaução algum dos peães, que lhe vinha deitar fogo em tempo de queima de campo, ou o mandingueiro, que não só o penetrava desassombradamente, mas até parecia ser ali recebido pelas viboras com prazer, a crer-se tal o arruido estranho que então se ouvia, como o estalar de folhas seccas e os monotonos silvos que estrugião.

Dizião alguns dos parceiros de Mathêos que era elle *curado*; outros porem affirmavão que o mandingueiro cevava as cotyaras com os cordeiros recém-nascidos, e que por isso elles desaparecião sem se saber o porquê. Fosse porêem esta ou aquella a causa, o que é verdade é que o negro bandiava o banhado incólume, e ás vezes sahia d'elle com uma jararaca enroscada ao pescoço, no braço ou mesmo dentro do seio.

Israel que o sabia, e imitava ao natural não só o berro de muitos animaes, mas o grito e o canto dos passaros e o sylvo das aspides, ali levava, aos poucos, os cães e apoz attrahir a serpente pela imitação de um ballido ou de um assobio particular, a exacerbava até a furia ferindo-a com os nós de pinho, que lhe atirava, e então açulava-lhe os cães, que apoz horrorosa luta, pagavão poucos momentos depois com a vida a victoria quando lo-gravão alcançal-a. Outras vezes não era no banhado que sacrificava suas victimas, mas na tóca de uma caninana, vibora de mais subtil e violento veneno que a cascavel, máo grado a fama denominal-a o *trignocéphalus* do Brazil

Pouco antes de apartarem-se os dõs temiveis aliados, soltarão o sylvo da cotyara, que era a sua senha, no intuito de afastar d'aquellas proximidades a qualquer individuo que os podesse descobrir, pois, para evitar toda a suspeita, apparentavão elles odiar-se de morte; e a proporção que se distanciavão estendião a rêde fatal em que devião colher suas victimas: pai Mathêos, seguindo ao longò do cercado ia erguendo com uma comprida forquilha de ubyratam os galhos e arestas calidos do pinheral, afim de, sec-cando-as pela exposição ao ar, ao sol e facilitar a propagação do incendio: Israel, seguindo opposto rumo, colhia aqui o venenoso fructo do *aritycum-paná*, ali a semente, ou raiz de uma solanea, cujo succo toxico administrava no matte a seus protectores.

Alguem entretanto em vez de fugir ao sylvo da cotyára, o tomára por aviso e guia e assim chegára a descobrir o recondito covil, e reconhecer as feras que ahi se occultavão : esse alguem foi o indio Joaquim.

O fiel caboclo, ou fosse instincto, ou presentimento de uma desgraça, que desde uma semana andava, esquivando-se a todo o contacto, entregue a cogitações profundas. Sem que a si mesmo podessê dar conta do que abalançava-lhe o coração, do que lhe roubava o somno e o inquietava, elle sentia-se como que suspenso á fauce de um tymbé.

Só tres pessoas lhe não causavão suspeitas : seu patrão, o pae de seu patrão e a noiva do seu patrão ; dos mais todos andava elle em guarda : e foi assim que chegou a descobrir a furna de onde sahirão o bugrinho e o negro.

Ao vêl-os porém Joaquim sentio uma nuvem de sangue encandear-lhe a pupilla ; seu primeiro impeto foi saltar sobre elles e estrangulal-os ; mas reteve-o uma idéa que listrou no céo negro d'aquelle cerebello e estremeceu-lhe todo o tecido nervoso ; erão elles : o afilhado de Nhá Melia e o negro de estima e confiança de Nhô Juca.

Recalcou ao fundo de si mesmo, esse eu vingador que lhe irrompera de dentro, qual Minerva saltando do craneo de Jupiter, e, como um compasso de fogo aberto de um a outro extremo do capão dardejou-lhe o olhar ignito, e reconcentrando-se estugou o passo para a estancia.

Continúa.

DAIMÃ

APONTAMENTOS

HISTÓRICOS, TOPOGRÁFICOS E DESCRIPTIVOS DA
CIDADE DO RIO GRANDE

DESDE O SEU DESCOBRIMENTO E FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA

POR

CARLOS EUGENIO FONTANA

XIII

A sociedade portugueza de beneficencia n'esta cidade, é digna de honrosa menção.

Esta beneficente associação foi instituida em 1856, filial á de de Porto Alegre, emancipando-se em 1857.

O predio em que hoje funciona o seu hospital foi comprado em 1861.

A expensas do caritativo e humanitario commendador José Victorino de Rezende, hoje barão de S. José, foi mandada erigir uma capella, cuja pedra fundamental foi collocada a 1 de Dezembro de 1862, sendo sagrada pelo Revm. Sr. Bispo d'esta diocese a 1 de Dezembro de 1866.

A capella alem da imagem de S. José, que é o seu orago, doada pelo Sr. Joaquim da Fonseca Moreira, tem a de Santo Antonio offerecida pelo Sr. Antonio Vieira Marques, a de S. João pelo Sr. João Agostinho da Silva e a de Santa Cecília pelo Sr. João Pedro Gomes Cardina.

A pedra fundamental do novo hospital que se está construindo foi collocada em 1 de Dezembro de 1867.

Esta sociedade possui um patrimonio superior a 100:000\$000, devendo o seu engrandecimento á muita dedicaçã e valiosos donativos do Sr. barão de S. José e do seu actual presidente Francisco Antonio Affonso.

Possue a cidade um importante estabelecimento de caridade — A Santa Casa de Misericordia.

Esta instituição deve a sua existencia á caridade publica.

Em Maio de 1806 por iniciativa do então vigario da freguezia padre Francisco Ignacio da Silveira e boa vontade de outros, foi creada uma sociedade de beneficencia, com o fim de soccorrer com suas esmolas as familias indigentes. Em Setembro de 1825, por extincção de um hospital militar que então havia sob a direcção do cirurgiã-mór Manoel Gomes da Silva, a mesma sociedade ampliou os seus soccorros até o leito de 16 ou 20 enfermos pobres que tiuhão ficado no hospital, secundada pelo mesmo cirurgiã mór e especialmente pelo capitão-mór Antonio José Affonso Guimarães, que se tornou notavel pelas avultadas esmolas e outros muitos importantes supprimentos que fez.

Em 1831, querendo a sociedade, por meio de donativos, levantar um hospital proprio, para o que já tinha levantado suas paredes até certa altura, não pôde levar a effeito.

A boa vontade, porem, e os esforços de homens devotados, á cuja frente se achon o Sr. Rodrigo Fernandes Duarte, que com avultadas esmolas já havia dado para a sustentação dos pobres desvalidos, fez em 15 de Maio de 1835 transformar a sociedade de beneficencia em uma irmandade sob a invocação do — Espirito Santo e Caridade — mudando os enfermos de predio do extincto hospital militar para um sobrado á rua da Caridade (hoje Imperatriz) que ha pouco tempo havia o referido Duarte arrematado para esse fim.

Pôz-se á testa do tratamento dos enfermos, fazendo toda a despeza a sua custa; por sua morte que teve lugar a 3 de Março de 1837, constituiu á irmandade, hoje Santa Casa de Misericordia, sua universal herdeira; tendo-lhe anteriormente feito doação de alguns bens, entre elles o referido sobrado que durante 36 annos servio de hospital, isto é até 8 de Junho de 1871, em que foram transferidos os doentes para o novo e elegante edificio construido a oeste da cidade, a beira mar.

Na Santa Casa de Misericordia recolhem-se annualmente perto de 500 doentes, que recebem tratamento e soccorros medicos.

Annexa á Misericordia está a roda dos expostos, cujo numero, creando-se e educando, sobe a trinta e tantos, segundo informações.

Possue tambem uma bem sortida botica que fornece medicamentos gratuitos aos pobres.

Foi o primeiro capellão da Santa Casa o padre Bernardo José Viégas.

O compromisso que rege até hoje é o de S. José de Lisboa, o mesmo que rege o do Rio de Janeiro.

Conta a cidade com um pequeno mas bonito theatro, sob a denominação de — Sete de Setembro. Foi edificado em 1835 por uma associação particular a quem ainda pertence e é gerido por uma directoria composta de um presidente, um vice-presidente, um secretario, um thesoureiro e um procurador.

XIV

Em 1861 a cidade contava 1789 predios, em 1867, 1991 e 1 de Janeiro de 1875 2385, sendo:

2230 casas terreas
129 sobrados
7 ditas de dois andares
18 ditas assobradadas

estando em construcção apenas cinco predios.

Conta trinta e trez ruas, quatro beccos e sete praças ou largos, cujos nomes são:

Riachuelo (antes Boa Vista), que corre pelo littoral do nosso porto. O seu nome é em memoria do grandioso feito da armada imperial a 11 de Junho de 1865.

Pedro Segundo (antiga Praia) é a principal rua da cidade; com lindos edificios e toda calçada.

Principes (antes direita) é outra rua principal e o seu nome é em honra a SS. AA. o conde d'Eu e duque de Saxe, toda calçada.

Paysandú (Pito), o seu nome é em honra a tomada de Paysandú a 2 de Janeiro de 1865

Vinte de Fevereiro (Fogo), o nome recorda a pacificação de Montevidéo, a 20 de Fevereiro de 1865.

Uruguayana (Comoros), o seu nome symbolisa o grande feito da rendição do exercito paraguayo a 18 de Setembro de 1865, es-

tando á frente do exercito alliado o magnanimo monarcha D. Pedro II.

General Osorio (Formosa). Em honra ao legendario rio-grandense Manoel Luiz Osorio, marquez do Herval.

Conde de Porto Alegre (praça), em honra ao bravo general Manoel Marques de Souza, conde de Porto Alegre.

General Camara (Bella), em honra ao valente general José Antonio Corrêa da Camara, heróe de Aquidaban.

General Victorino (Flores), em honra ao general barão de S. Borja.

Jatay (Alegre), em commemoração da victoria obtida pelos alliados, ás ordens do general oriental D. Venancio Flores, sobre o exercito paraguayo nos campos de Jatay, a 17 de Agosto de 1865.

Clara, Esperança e Bomfim são as ultimas ruas de E. a O.

As transversaes de N. a S. são :

Barroso (Canal), em honra ao heróe de Riachuelo, Sr. barão do Amasonas.

Imperatriz, em homenagem á virtuosa esposa do nosso augusto monarcha, D. Thereza Christina.

Francisco Marques, nome do primeiro morador e pai do Exm. Sr. visconde de Tamandaré.

Andrade Neves, em honra ao nunca esquecido e bravo rio-grandense barão do Triumpho.

Villeta, em commemoração á victoria obtida n'esse lugar na republica do Paraguay.

Affonso, nome do primeiro morador.

Dezeseis de Julho, em lembrança ao 16 de Julho de 1865, dia da inesperada chegada de S. M. o Imperador, quando se achava a provincia invadida pelo inimigo.

Zalony, em honra ao Sr. Themoleon Zalony, que tão humanitariamente se prestou a socorrer a humanidade quando em 1855 grassou a terrivel epidemia do cholera morbus, n'esta cidade.

Andradas, em homenagem ao patriarcha da independencia José Bonifacio de Andrada e Silva.

Marquez de Caxias, general Netto, em honra a estes distinctos e bravos generaes.

24 de Maio, em commemoração á sanguinolenta batalha ganha pelo exercito brasileiro nos campos de Tuyuty a 24 de Maio de 1866.

Camara, Misericórdia, Hospital e Moron são as ultimas ruas transversaes.

Aquidaban, em recordação do grande feito que deu fim a sanguinolenta guerra com o tyranno do Paraguay.

Conta mais os seguintes largos e praças :

Municipal, vasta praça e unico passeio recreativo da cidade, é communmente chamado Boulevard Rio-Grandense. Está perfeitamente arborizada, e a edilidade esmera-se no seu tratamento. Sete de Setembro, S. Pedro, Caridade Nova, Conde d'Eu e Tamandaré. No centro d'esta ultima praça ergue-se uma modesta cruz, ali collocada em 1842, pela missão jesuitica que então visitou estas plagas.

Continúa

LADRÕES DA HONRA

DRAMA EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

DE NOMINAÇÃO DO ACTO :

A PRISÃO

PERSONAGENS DO 2º ACTO

Leonel,
Affonso,
Dr. Farinhas,
Maria,

Lucia,
Uma criada,
Um sargento, soldados.

ACTO II

O theatro apresenta uma sala pobremente mobillhada. Porta no fundo dando sobre um corredor. Portas lateraes

SCENA I

Maria (*recebendo na porta do fundo o Dr. Farinha?*)

FAR. — Ai! Que calor, senhora! Se este tempo continua, estou ameaçado de uma congestão de sangue no cerebro. Uff! Com uma tal temperatura vai-se tornando difficil a vida na côrte.. Como vai o moço?

MAR. — Meu filho, Sr. Dr., passou mal a noite. Não dormio um só momento!

FAR. — Não sei como é isto... Mas o remedio que receitei, era para debellar a exacerbação sanguinea que promettia tristes consequencias. Não poderei vel-o?... Puff! Que calor! Uff!

MAR. — Adormeceu ha pouco, e seria crueldade roubar-lhe os raros momentos que goza'de repouso.

FAR. — Ah! Então sempre a poção com laudano de Sydenhan produzio seu effeito!?

MAR. — Creio, doutor.

FAR. — Todavia é a segunda visita que lhe faço... Seu filho, minha senhora, agora que adormeceu e está portanto salvo, posso dizel-o, esteve ameaçado d'um ataque apopletico fulminante. Se não acudo a tempo!...

MAR. — Pobre Leonel!

FAR. — Deos e eu o salvamos. Mas se mandão chamar o Dr. Mascarenhas, como pretendião, elle por certo a esta hora não seria do numero dos vivos.

MAR. — Pois Affonso ia chamal-o, se o doutor não chegasse tão de pressa.

FAR. — O Mascarenhas é um menino que acaba de formar-se. Dizem que é de talento... De que serve este genero?... As sciencias medicas querem mais observação e pratica do que intelligencia: esta qualquer a tem, o meu sapateiro a possui em grande dôse allopathica; mas aquellas!? Só o tempo pôde grangeal-as, só a dedicação pôde utilisal-as convenientemente. Por isso, de minha parte, attesto que o Dr. Mascarenhas já assassinou oito doentes que o chamarão em minha ausencia. Eu estava então em Paris, fôra estudar alguns nóvos processos e instrumentos cirurgicos...

MAR. — Mas tenho ouvido tantos elogios a seu respeito...

FAR. — Uf! Que calor! Elogios? Oiga e veja como elle tratou aos oito doentes que lhe cahirão nas mãos. Um, a quem administrou uma grande quantidade de pillulas que contiuhão acetato de chumbo, morreu de colica saturnina, vulgarmente chamada dos pintores; a dois, que soffrião de escrophulas, reduzio-os a tal dieta e ao uso de tão fraca alimentação, como farinha-ccos, carnes brancas, legumes, que em pouco os engurgitamentos das glandulas lymphaticas abrirão em immensas chagas... E comprehende, imagina a senhora, o que ha de horrivel e repugnante n'esta ulceração que derrama corrosiva serosidade, que dia após dia se alarga, se aprofunda?!

MAR. — Parece impossivel que o Dr. Mascarenhas...

FAR. — Impossivel!? O que é impssssivel ao medico que n'uma indigestão de leite applica uma sangria, quando a therapeutica com os meios mais simples, um calice de vinho branco, por exemplo, salvaria o doente? Creia, minha senhora, o Dr. Mascarenhas é amigo dos coveiros...

SCENA II

Os mesmos e Leonel (*que pallido, os cabelos em desordem, tendo um jornal todo encharcado n'uma das mãos, abre a porta do quarto a esquerda, e del m-se ao ouvir as ultimas palavras do Dr. Farinhas*)

MAR. (*assustada indo ao seu encontro*) — Filho, que tens?

FAR. — Que imprudencia, moço?

LEO. (*entrando*) — Eu suffóco, meu Deos! A calumnia por toda a parte! Aqui (*mostrando o jornal*) a imprensa corrupta lançada á minha janella, porque assacava-me os epithetos de: charlatão da sciencia, professor immoral ladrão, atheu, bofari-

phero das letras, assassino... Ali (*indigitando Dr. Farinhas*) a mediocridade que envelheceu na crapula e cobre de baldões a um medico moço, mas que fez da sua profissão um sacerdocio, alma divina n'um seculo de bronze, homem cujo talento faz sombra aos curandeiros... (*Indo á gaveta d'uma mesa, tira uma carteira e lança-a aos pés do doutor*) Eis ali todo o meu dinheiro... e saia, senhor...

MAR. — Leonel!

LEO. — Deixe-me, minha mãe...

MAR. — Que tens, meu filho?! Aquieta-te.

FAR. (*que tudo ouviu impassivel, apanha a carteira e começa a contar o dinheiro*) Vinte... trinta... quarenta... quarenta e cinco... Não está conforme á minha tabella. Uma visita alta noite para salvar-o d'uma apoplexia fulminante: 50\$000; outra visita horas depois: 10\$000; portanto faltão 15\$000.

LEO. (*febrilmente tomando o doutor por um braço*) — Saia, porque então!... Saia...

MAR. (*abraçada a Leonel*) Filho, queres matar-me?!

FAR. — Contra a força não ha argumentos; mas, criança, havemos de nos ver ainda e então saldaremos as contas, (*Sae*).

SCENA III

Maria e Leonel.

MAR. — Estás muito doente, meu filho.

LEO. — Sim, muito, muito doente, minha mãe. (*Cahindo exausto sobre uma cadeira*). Meu Deus! enlouqueço!... Vou ser processado, porque esbofetei um miseravel, vou perder todos os meus redditos... A opinião publica n'este momento aprecia-me pela detracção d'um jornal...

MAR. — Deixa estas ideias, tranquillisa-te. Tu o que tens, é febre. Olha, tua mãe está a teu lado para consolar-te.

LEO. — Consolações! De que servem ellas?

MAR. — Crê em Deus.

LEO. — Deus!?! A's vezes duvido de sua existencia. Não me parece possivel, que elle tão bom, tão justo, desampare os pequenos e fracos, entregando-os ás violencias dos magnatas e tyranos da terra.... Deus!?! O' minha mãe, se elle fosse uma realidade!

MAR. — Tu o duvidas!?

LEO. — E como não duvidar, quando soffro sem motivos,

quando me perseguem sem uma infracção sequer de meus deveres?

MAR. — Meu filho, ha uma providencia que vela sobre os bons e máos, que remunera a uns e pune aos outros... Um jornal mentio; os que te conhecem, bão de defender-te, e depois o tempo terá o cuidado de desmascarar aquelles que te perseguem... Não te amofines, porque tuas dores, tuas lagrimas, são as dores e as lagrimas de tua mãe. (*Beija-o na frente*) Sorri, filho, acho tanta felicidade, quando sorris!...

LEO. — Sorrir quando a calumnia cravou-me no coração set espinho venenoso, não, não posso... A calumnia! E sabe o que ella seja? (*Virgüendo-se febricitante*) Olhe... Vê aquella onda que se forma na outra margem do oceano? Que lá vem, de fluctuação em fluctuação percorre toda a immensidade das aguas, milhaes de leguas, e afinal traz seus murmurios ás nossas praias, onde ninguem sabe sua origem? Pois a calumnia é como a onda que vem de tão longe... é como a gotta de acido prussico n'uma taça de mel, como o gaz nêphítico que satura a atmosphera e envenena a todos que o respirão... A virtude e o merito não tem propriedades expansivas, porque nem todos o comprehendem; mas a detracção tãma vez pronunciada acha echo até nos corações mais puros. Ella repercute de labio em labio, como o vento de arvore em arvore. E o que torna-se a victima, minha mãe? Umaz vezes mesquinha creatura que arrasta n'um corpo vivo a alma morta; outras a reacção da innocencia armada de punhal percorrendo escabrozaz sendas do crime, com uma existencia incompativel com a sua existencia anterior; outras vezes, enfim, é... é a loucura, minha mãe! (*Cue prostrado sobre a cadeira*).

MAR. — Leonel! (*A' parte*) Meu Deos, salvai-o, é minha unica alegria sobre a terra. (*Alto*) Leonel, vem para teu quarto, vê se dormes um pouco, estás com as ideias tão exaltadas!...

LEO. — Dormir! Não me diga!... Não terei mais um momento de repouso. Aqui, eu vejo a deshonra que me estampa á frente seu negro estigma; ali, a miseria que me apresenta a face macilenta e me estende a sua mão descarriada...

MAR. — Não imagines as coizas peiores do que são.

LEO. — Deshonrado e pobre, ha ali alguma coiza de peor? Amanhã o senhorio pedir me-ha o aluguel da casa, com elle virão outros, e como hei de pagar-lhes? Como affrontarei depois um processo e a consequencia d'este processo —o carcere, porque elles são poderozos pelas riquezas e pela jerarchia? Ah! minha mãe, isto tudo deve ter um fim! (*Virgüendo-se com exaltação*) Eu devo matar a Panacho...

MAR. — Que loucura, filho!

LEO. (*rindo-se febrilmente*). — Sim, tem razão, minha mãe...

eu sou um doido; devo consentir que a serpe me morda, sem resistir, sem esmagal-a!... Que lembrança a minha! Porque incommodar-me!? Não vêm-se todos os dias as sentinas do vicio produzindo monstros que, apenas saem á luz, arvorão-se em jornalistas na minha inditoza patria?! O' Brazil, como és grande, invejavel e illustre pela tua imprensa! Como ella comprehende a sua missão, como defende os teus interesses, como nobilita-se entre as nações civilisadas!... Sim, tem razão, minha mãe, tudo isto em mim é insanía, delirio.... eu sou um doido.... Para que revoltar-me? Eu deixarei que Panácho espezinhe-me o corpo, como já espezinhou-me a reputação....

MAR. (*abraçada com elle*) — Leonel! Leonel! Tu me amas?

LEO. — Se eu a amo!

MAR. — Pois tua mãe te pede por Deos, pela alma de teu pai, socega.... tua virtude está á prova.... Mostra de que quilate é ella. As grandes almas apurão-se no infortunio e nos martyrios.... Serias capaz de nodoar a memoria de teu pai? Lembras-te ainda d'elle, Leonel? De seus conselhos? Era pobre, mas honrado. Ante Deos, tua mãe e tua consciencia, estás puro do que te impu-tão. Isto é nma felicidade que dá-me forças e coragem para lutar. Porem, se commettesses um crime, ah! eu morreria, porque meu coração não podia resistir á cruel realidade!

LEO. (*calmo, mas abatido*) — E' verdade, minha mãe!...

MAR. (*affagando-o*) — Vai repouzar, filho...

LEO. — Se eu pudesse!..

MAR. — Pódes. O somno dá treguas ao soffrimento, restaura o vigor perdido. Vem, eu quero que durmas... Estarei a teu lado. Minha alma erguer se-ha entre ti e o céu. Deos sempre escuta as rezas d'uma mãe, porque elle só avalia o que Maria soffreo aos pés do seu Calvario.

LEO. (*suffocado pelas lagrimas, abraçando-a*) — Feliz quem tem uma mãe!

MAR. — Vem, filho, vem repouzar. (*Leva-o para o quarto*).

SCENA IV

Affonso (*que entra e percorre a scena com passo irregular, movimentos bruscos, tendo um jornal amarrotado entre as mãos*).

AF. — Fui eu o promotor de tantas desgraças, eu que mendi-

guei a esta pórtã asylo, sustento. e pais, e hoje os arrasto pelo lódo dos periodicos! Sou mais que um desalmado. . . a ingrati-dão é mais do que um crime!

SCENA V

O mesmo e Maria (*que entra e cautelosa cerra a porta do quarto*)

AF. (*detendo-se e contemplando-a*) — Minha mãi.

MAR. — Affonso, não faças bulha.

AF. — Sim, eu não farei o menor ruido; mas tenho no entan-to dentro de mim todas as furias abraçadas ao coração. . . . Vem-me até uns impetos de quebrar a cabeça contra estas paredes.

MAR. — Tambem estás doente, Affonso?

AF. — Sim, uma doença infernal, a febre do odio, da colera e do remorso. . . .

MAR. — Jesus! . . . Não falles alto.

AF. — Hoje faço uma loucura. . . . Ou Panacho engole este montão de lama, (*mostra o jornal*) que se chama a «Voz da Verdade» por um sarcasmo, ou eu o estrangulo como a um cão! E eu o faço, por Deos!

MAR. (*tomando-lhe a mão*) — O' não venhas atribular-me mais! Leonel tambem esteve assim, porem já socegou. . . .

AF. — Socegou!? Pois eu não socego, minha mãi. Acabo de desempregar-me. Ouvi do escriptorio meu patrão ler o jornal a alguns outros traficantes de seu jaez e formar echo com tantas calumnias e falsidades. Levantei-me da banca do trabalho, arran-quei-lhe das mãos o infame pasquim, esfreguei-o na cara e eu o faria engulir, se não o acodem, a tempo. . . . Um de nós, ou Pa-nacho ou eu, deve sahir do mundo. E' questão decidida. . . . Entre mim e elle ha enorme barreira, desde hoje constituimos ambos uma coiza impossivel de ligar-se. Pois bem, desapareça Pa-nacho que é mais pezado á sociedade. O cancro que se extirpa, é um beneficio. E eu, se hoje encontro aquelle periodiqueiro de trampolinas, o esmago, o pulverizo. Assim. . . em mil pedaços, (*põe o jornal em fragmentos*) como agora faço á sua nojenta folha.

MAR. (*tomando-o pelo braço*) — Ah! mocidade, és sempre a mesma! . . . Vem sentar-tê a meu lado, filho. (*Sentão-se*) Queres

ouvir conselhos d'uma mãe? Os annos encadecerão-me os cabellos, dão-me o direito de aconselhar aos mais moços.

AF. — Falle, minha mãe, sua palavra foi sempre para mim sagrada.

MAR. — Espera. (*Levanta-se, entrecabre a porta do quarto de Leonel, contempla-o por alguns momentos*). Parece que dorme!

AF. (*ao vel-a assim, sente-se contristado*) — Pobre mãe! E eu vim augmentar suas magoas!

MAR. (*baixinho para o interior*) — Leonel! . . . Leonel! Emfim dorme! (*Voltando os olhos para o céu*). Meu Deus, agradecida, mil vezes agradecida! (*Fecha a porta e vem para junto de Affonso que está em completo abatimento*). Escuta.

AF. — (*apoderando-se-lhe das mãos e cobrindo-as de beijos, a seus joelhos*) — Eu vim tortural-a . . . Perdõe, minha boa mãe . . . Eu sou um louco, um leviano; mas eu a amo . . . Hontem fui eu quem levou Leonel a um botequim com a intenção de distrahir-o, e o que eu julgava um bem, redundou em uma serie de males e catastrophes. Filho d'um erro, herdeiro talvez da má indole do barão de Andiray, vivo para arrastar meus bemfeitores ao erro.

MAR. (*cingindo-lhe a fronte ternamente*) — Não és tu o culpado, é uma mulher que roubou-me o amor de Leonel; foi ella quem trouxe o infortunio a este lar tranquillo . . . Levanta-te . . . Meu coração oscilla entre duas affeições: tu e meu filho. Pensei que o mundo havia-me roubado tambem tua estima. Enganei-me. Voltas como ha trez annos, quando sahiste de meus braços para a vida do trabalho.

AF. — Juro que nunca a esqueci. Os bailes, botequins, theatros, parlamentos, conseguirão embotar crenças e convicções que outr'ora alimentara; mas nem sequer poderão abalar os dois sentimentos que se chamão: Maria e Leonel. Nem nos meus desvarios, jamais confrontei-os mentalmente com o scepticismo que me lavrava por alma. Seria profanal-os.

MAR. — E como deixavas até durante mezes de ver-nos?

AF. — Ia levado por um vagalhão immenso e ruídozo que os ignorantes e frivolos chamão: *grande mundo*, e que eu chamarei pequeno e insignificante comparado com a da familia. N'um o egoismo e a hypocrisia, dão um abraço fraternal; no outro, santa communhão de almas e espiritos, destaca a reciprocidade dos pezares e alegrias, e a mascara de Tartufo ou Cubin não se molda sobre rostos francos e leaes. Mas . . . E eu a fazer prelecções, quando devemos tratar, minha mãe, de remover as difficuldades que nos rodeião! Que faremos em tal collizão? Eu opino que se obrigue Panacho a retratar-se do que disse . . .

MAR. — O que nos resta a fazer é: Crer e esperar em Deus.

AF. (*sacudindo a cabeça com ar de duvida*) — Deus não se en-

volve com as coizas d'este mundo. Aqui ha um tribunal injusto e desapiadado : a opinião publica . . . Se Deos interviesse, elle que é a sublime expressão da justiça, a marcha do mundo seria outra. Um traficante de casaca não chamar-se-ia : barão de Andiray.

MAR. — Nome bastante fatal a todos nós!

AF. — A mim, sobre tudo.

MAR. — Se não fosse a filha do barão . . .

AF. — Mas Lucia ama a Leonel. Eu o assevero, porque tive occasião de ser testemunha d'uma scena, em que patenteou a pureza de seus sentimentos. O barão, o alicantineiro do barão, é o autor de nossas desgraças ; não Lucia . . .

SCENA VI

Os mesmos e Lucia (*vestida de preto, o rosto cuberto d'um véo, apparecendo na porta do fundo acompanhada d'uma criada.*)

LUC. — E' aqui a casa de Leonel de Almeida?

MAR. — Sim, senhora. Queira ter a bondade de entrar. (*Entrão*).

AF. (*á parte*) — Eu conheço esta voz.

LUC. (*tremula e balbuciante*) — A senhora é sua mãe?

MAR. — Sim, senhora. Queira sentar-se. (*Lucia senta-se*). A quem tenho a honra de fallar?

LUC. — E não poderei fallar ao Sr. Leonel?

MAR. — Agora é impossivel.

LUC. — Está doente?

MAR. — Bastante doente. Passou mal a noite, e só ha pouco adormeceu.

LUC. — Doente! Eu bem o pensava!

MAR. — Sabe alguma coiza?

LUC. — E' que elle deve partir immediatamente.

MAR. — Partir?!?

LUC. — Sim.

MAR. — Porque?!?

AF. — Ha algum perigo?

LUC. — Porque querem arrastal-o a uma prisão.

MAR. — A meu filho? Mas isto é incrivel, senhora!

AF. (*á parte*) — Bem me dizia o coração!

LUC. — Oiçãõ-me. Não ha tempo a perder. A policia recebeu falsas informações a seu respeito. Denunciarão-n'õ, como tendo hontem á noite tentado contra a vida de Carlos de Souza filho do visconde de Itapagé. As calumniosas accusações da *Voz da verdade* vierão dar mais realce á denuncia. A senhora que é mãi, que o ama, o estremece, leve-o para bem longe. . . salve-o, enquanto é tempo.

MAR. — Mas é um trama infernal! . . . Então prende-se a um homem sem motivos? Só porque caluniarão-n'õ? Onde está a justiça? Para que servem as leis?

AFF. (*com arrebatamento*) — Que venhão, minha mãi! Eu juro que nenhum belleguim transporá os umbracs d'esta casa sem tomar conhecimento com a rija musculatura, de que sou dotado. O meu respeitavel ex-patrão já lhe conhece a tempera.

LUC. — Mas elle tem poderósos inimigos que não trepidarão ante quaesquer meios.

MAR. — A innocencia, minha senhora, não se occulta, não foge, mostra-se á luz. Se ouzão offender a meu filho, cujos sentimentos melhor do que ninguem os conheço e avalio, com a sombra de uma suspeita aviltante, eu serei a primeira a aconselhal-o que fique, para justificar-se, para esmagar seus perseguidores com o triumpho da verdade.

LUC. — Mas é tarde! Elles dispõem de tudo. . . O' salve-o! Sua presença n'esta occasião vai dar-lhes a victoria, vai enredal-o n'uma teia tão complicada, que elle não poderá escapar-se. . . . A senhora é mãi, ama-o. . .

MAR. — E quem é a senhora que mostra tanto interesse em protegel-o e sabe tantas particularidades dos perigos que elle corre?

LUC. (*levantando o véo*) — Eu sou. . .

AFF. — Lucia! (*A' parte*) Bem me parecia ter já ouvido esta voz!

LUC. — O senhor disse bem. Sim, sou Lucia. Ouvindo estes planos, tão de pressa vesti-me para a missa e sob este pretexto corri a avisal-o. Eis tudo. . . Salvemol-o. . . Eu os acompanharei.

AFF. (*esfregando as mãos satisfeito*) — Approvo a ideia. Iremos todos. A mãi, a esposa e eu, o cunhado duas vezes.

MAR. (*que tem contemplado Lucia com altivez*) — E a senhora ousou transpor as portas d'esta casa?

LUC. (*alterada*) — Eu!? Que fiz, meu Deos!

MAR. — Que fez!? Não contentou-se com as intrigas e desordens dos palacios, veio trazel-as até o humilde albergue do pobre. N'este recanto do mundo viviamos eu e meu filho na mais serena paz. Eramos felizes. Ninguem ambicionava nossa ventu-

ra, porque nem mesmo a conhecião no modesto retiro a que se acolhera, longe do bulicio, das festas e da sociedade. A affeição de Leonel era o sonho, a alegria e a tranquillidade de minha velhice, e a senhora roubou-me em um só dia o que me custâra annos de trabalhos e tormentos! E para que? Para abri-lhe de par em par as portas d'uma masmorra, onde elle arrastará uma existencia de angustias, que só pôde comprehendel-as o coração d'uma mãe...

LUC. (*commovida*) — Mas é uma injustiça que me faz!

MAR. — O' não falle! porque não contente com arrebatarm-o precioso thesouro, o amor de meu filho, ainda veio assistir a este quadro de desolação e miseria! E' que os sentimentos de caridade rojarão nos capachos dos ricos paços? E' que ali as dores alheias tem loucas gargalhadas em resposta?

AFF. — Minha mãe não tem razão.

LUC. (*debulhada em pranto*) — Porque me offende, se eu a amo tanto? Se sou innocente do que me accusa? Maiores pezares tenho soffrido, porque amo a Leonel, e a estimo e venero como sua mãe (*Supplice estendendo lhe os braços*) Deixe que eu a abraço e a beije com toda a ternura d'uma filha... Minha mãe!...

MAR. (*repellindo-a com um gesto imperioso*) — Nunca! (*Contendo a voz*) Silencio! Meu filho ali dorme... A senhora o ama e cava-lhe um abysmo!... Ha só um amor immenso como os céos, como os mares, é aquelle que sorve as lagrimas do ente a que se vota, para não vê-lo soffrer; é aquelle que se compra com privações incriveis, e, para ter um sorriso em troca, suffoca dores lancinantes; é o amor que Deos consagra ao genero humano, é o amor d'uma mãe, é o meu... Silencio! Nem uma palavra!... Meu filho dorme!... Descansa das attribuições por que o tem feito passar... Para que ha de affligil-o mais?!... Retire-se... ó retire-se!

LUC. (*suffocada pelos soluços*) — Meu Deos, que fiz eu para ser tão infeliz! Minha mãe, receba-me em seus braços, seremos duas a amar Leonel...

MAR. — Meu filho tem só sua mãe, capaz de todos os sacrificios por elle... O' retire-se, senhora, por piedade! E' a ventura que volverá a esta casa... Esqueça-o para sempre...

AFF. (*que faz esforços para occultar a emoção*) — Minha mãe, Lucia é minha irmã pelo sangue e pelo sentimento. Receba-a, que ella é digna de ser sua filha. Estreite-a sobre o peito, poucos corações são como o d'ella.

MAR. (*com voz vibrante*) — Nunca! Quem far-me-ha esquecer o que tem soffrido meu pobre filho?

LUC. (*arrastando se a ella, que a repelle*) — Eu, minha mãe!

AFF. — Eu!

SCENA VII

Os mesmos e Leonel.

LEO. — Eu, Lucia!

LUC. (*lançando-se em seus braços e estreitando-o com delirio*)—
Leonel!

LEO. — Eu, Lucia, que te amo mais que a Deos, mais que ao mundo inteiro! Eu, que te defenderei contra todos!... E minha mãe te repellia tão desabridamente!

MAR. (*suplica*) — Era por tua causa, filho!

LEO. (*tomando Lucia pela mão vem ajoelhar-se nos pés de Maria*) — Em vez de um filho terá dois a adoral-a... Abençoe nossa felicidade.

AFF. — Não, não posso mais! Vou tomar ares, senão suffoco... (*Vai a sahir e esbarra com um sargento e alguns soldados que o acompanhão. Com voz ameaçadora.*) Que querem aqui?

SCENA VIII

Os mesmos, o sargento e soldados

O SARG. — Cumprimos a lei, queremos a Leonel de Almeida, professor, solteiro, vinte e seis annos, crime de tentativa de morte.

AFF. — Mas com que direito se invade a casa de um cidadão?

MAR. — Leonel de Almeida? Não é aqui.

LEO. — E' aqui e Leonel sou eu.

MAR. — O' meu filho! (*Cae como fulminada. Affonso ampara-a.*)

LUC. — Leonel!

AFF. (*a Leonel*) — Deixa-os comigo, que já os desbarato.

LEO. (*a Affonso*) — Paz, meu irmão! Não manches a gloria de meu triumpho. (*A Lucia*) Aquieta-te, Lucia, tua presença e

teu amor dão-me forças para não fugir diante da cobardia... Velarás por minha mãe (*Abrãça-a com effusão. A Affonso.*) Entrego-te, meu irmão, dois thesouros a teus cuidados. São teus também. (*Do sargento e soldados que se mostram commovidos*) Cumpirão seu dever, lictores da justiça humana. O cidadão honesto obedece á lei que protege seus detractores, porque espera reparação.

FIM DO SEGUNDO ACTO

IRIEMA.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

CASIMIRO DE ABREU

I

Parece muitas vezes que um cruel destino pesa sobre as mais caras esperanças de nossa patria.

Uma má estrella as illumina do berço ao tumulo. Deixão apenas o seio maternal já a mão sinistra da fatalidade, estampa-lhes na fronte privilegiada o fatal carymbo das amarguras. O manto de Dejanira reveste seus hombros e só os abandona, quando o vento gelido da morte lhes bafeja as faces empallecidas nas vigalias do infortunio ou na devoção do nobre apostolado.

Acquea Salvie não foi somente a partilha de S. Pedro.

Como toda a religião a litteratura tem tido tambem os seus adoradores, os quaes muitas vezes sacrificão nos altares de suas crenças a vida e futuro.

Na noite dos sepulchros o Brazil tem visto ir desaparecendo os seus mais robustos talentos. as suas mais bellas esperanças.

E seu pezar é mais sensivel, porque os seus talentos morrem n'alva da vida; trocão as louçainhas de gallas, a existencia deslumbradora, cheia de luz e de ondas de perfume, pelo monótono e

saudoso gemer dos chorões, pelo viver silencioso da campa, onde não penetra o ruído festivo da sociedade que delira nos doudos festins dos prazeres.

Macedo Junior mal balbucia as primeiras estrophes ungidas de amor e candura, quando o anjo da morte detem-lhe os tímidos passos na carreira luminosa, onde em breve havia de colher as palmas da victoria, arrebatado nas azas diamantinas de um talento cheio de vida, de força e de luz.

Alvares de Azevedo ala-se ás encantadas regiões do infinito para cantar os seus amores e as grandezas da patria; mas depressa as suas coplas se ungem de tristeza e scepticismo, e o pobre poeta, cheio de desalento e com os labios humentes de ironia, quebra a lyra d'ouro nas arestas dos umbraes da sepultura.

.JunqueiraFreire desespera da vida entre as paredes sombrias de um claustro.

Sua alma quer contemplar as bellezas da terra natalicia, quer respirar os suavissimos perfumes da nossa flora perpetua, quer deliciar-se embevecido mirando as estrellas, as noites vaporosas do estio, e ainda mais, sentir o halito, o bater do seio de um anjo que despertou do encantamento de um sonho de volupia. Mas ah! é um impossivel. O negro burel é um cilicio que o esmaga e atrophia na aurora da vida.

Castro Alvares remonta-se a mundos ignotos. Vôa nas azas cambiantes de uma imaginação febril e ardente a conquista de glorias. Colhe-as, mas a mão esmagadora do destino lhe entrança as laureas do triumpho os rouxos goivos da campa.

Gonçalves Dias, o rei dos poetas, paga tambem no cadinho das attribuições o tributo do genio. Orna a harpa encantada de magicos festões das florestas d'America, e dá ao seu instrumento as dulcissimas harmonias que escuta nos sertões virgens do Novo Mundo.

Mas a mão do destino não tarda; suspende-lhe o braço n'um arroubo sublime e precipita o poeta nos negros abysmos do oceano.

A adversidade é a unica estrada que Laurindo Rabello conhece. Mal abre os olhos ás magnificencias fascinadoras da patria, vê junto da rede que o emballa o espectro ameaçador da miseria. Caminha, e cada passo que dá é uma lenda de infortunio.

Varella é um outro drama de desventura. A sua vida é uma luta sem treguas, sem allivio, sem um prisma de esperanza. Cedo desbotão-lhe as rosas das faces aos regellos do soffrimento, mas Deos, em compensação, dá a sua alma as flores e a fragrancia da mais esplendida e suavissima poesia.

E como estes tantos outros infelizes que morrerão na flor dos annos, cantando os seus amores e as bellezas da terra natal.

Ha porem, entre elles um nome que nos merece o culto da idolatria. E' um nome estremecido, aureolado da veneração popular. Cantou em linguagem singella e desprerenciosa as dores que o amarguravão, e o povo se lhe affeiçoou, porque na simplicidade com que cantava, entendeu e aviliou os seus pezares.

Ainda hoje nas horas de ocio e de abandono, o povo, repete os versos saudosos de Casimiro de Abreu.

11

No dia 4 de Janeiro de 1837, descerrou as palpebras, á luz esplendida que illumina a nossa selvatica natureza, o inditoso poeta Casimiro José Marques de Abreu.

Forão seus pais o portuguez José Joaquim Marques de Abreu e D. Luiza Joaquina das Neves, nascida no Brazil.

A Barra de S. João, na provincia do Rio de Janeiro, aonde José Joaquim Marques de Abreu, possuia uma fazenda, foi o berço do mavioso cantor das *Primaveras*.

Ahi a infancia deslison-se calma e tranquilla, como a lympha do Indayassú, onde elle tantas vezes vio cair e resvallar serena a folha do mangne e do ingá viçoso.

Porem bem curta lhe foi essa estancia tão cheia de encantos.

Era necesssario preparar-se a criança para encetar a carreira commercial, a que seu pai infelizmente o destinara.

Por isso foi levado Casimiro de Abreu para o internato do collegio Freese em Nova Friburgo

Feliz ou desgraçadamente porem, em vez de um corretor, ou de um negociante de carne humana, annunciou-se o apparecimentô de um harmonioso trovador, de uma alma extremamente sensivel, a quem sobremodo, lhe repugnarião as tristes scenas do captiveiro e do ciganismo da corretage, que amesquinha, infama e degrada o commercio que se nobilita pela lisura da honestidade e o nobre esforço do trabalho.

Não obstante porem a devoção que Casimiro de Abreu consagra ás musas, seu pai achou mais conveniente collocar-o junto de si. A atmosphaera do escriptorio era-lhe asphixiadora, matava o de dia em dia, e por isso o poeta reagio.

Mas foi uma reacção sem alarme, sem estrondo. Mostrou mais visivelmente ao seu pai a repugnancia que lhe causava o traquejo da vida laboriosa do commercio. Semelhante rebeldia custou-lhe porem bem caro. Seu pai querendo tomar um desforço, fel-o seguir para Lisboa a 13 de Novembro de 1853.

Longe da patria, distante da terra que tanto amava, no meio

de estranhos, de physionomias que nada lhe recordavão de seu passado, e que não lhe poderião inspirar affectos e dar-lhe o doce conchego da familia, Casimiro de Abreu vio se ahí opprimido, pequeno e desamparado. Mais que nunca sentio elle então, a chamma da inspiração abraçar-lhe a fronte pallida, melancolica e triste das longas scismas de um cruel exilio.

Ausente das affeições que lhe erão tão caras, consagrou todo o amor immenso de sua alma a lyra harmoniosa que o Senhor lhe dera.

E cada dia de desterro que a ampulheta marcava, era mais um grão de incenso que cahia do coração do poeta sobre o fogo do thuribulo, que illuminava, entre ondas de perfumes, as aras santas das musas.

A obstinação paterna em vez de entorpecer os passos que Casimiro ensaiava nas doiradas alcatifas do lyrismo, ao contrario, parecia excitar e asselerar assim os éstos brilbantes de uma vocação irradiante de fulgores, e que consubstanciava em si um mundo de sempiternas harmonias.

Foi nas longas horas da ausência, atirado n'uma plaga estranha que o saudoso autor das *Primaveras*, arrancou de sua harpa divina as estrophes mais abundantes de sentimento e de tristeza.

Continua

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

DISCURSO

pronunciado no 18.º sarão do Parthenon Litterario, pelo Sr. Aurelio de Bittencourt

O ENSINO OBRIGATORIO

Minhas senhoras, meus senhores.

Subo ainda uma vez á tribuna das prelecções do *Parthenon Litterario*.

Fil-o ha quatro mezes, e forão então minhas primeiras palavras pedir amparo á vossa bondade para desculpa do humilde orador, que se abalançava a vir fallar-vos do mesmo lugar que tantos outros tinhão honrado e illustrado.

Hoje mais preciso se torna que eu invoque, que eu appelle para a benevolencia do luzido auditorio, que tenho diante de mim.

Foi d'aqui, senhores, que fallou-vos aquelle sympathico moço, gigante da intelligencia, que se chama Oliveira Bello. O encanto d'aquelle discurso não é como uma sombra que rapida se escôa; está destinado a viver muito no coração d'aquelles que sa-grão amor ás lettras e votão cultos ao que é grande e bello.

Sucedeu-lhe Appelles Porto Alegre, o estudioso moço que no silencio do gabinete se tem feito o que já é: um vulto saliente, no mundo das lettras.

Veio depois Souza Motta, a descrever-nos em primorosos quadros os encantos da democracia.

Quando ainda tão vivas guardais lembranças tão agradaveis; quando como que ouvis ainda as palavras cheias de convicção com

que uns fallavão da instrucção e o outro das ineffaveis felicidades que a democracia nos garante, pôde acaso ser ouvida sem constrangimento a voz monotona de quem se sente pequeno para estas alturas?

Preciso portanto da vossa indulgencia como a flor necessita que a banhe o orvalho da madrugada para ostentar seus primores aos primeiros raios do sol; como a natureza tem mister das tardes amenas da primavera para poder arrear-se das galas mais esplendidas que lhe é dado exhibir; como o caminheiro vergado ante as escabroïdades da romagem, carece de mão amiga que lhe evite os escolhos e o arranque aos perigos.

Certo, portanto, de merecer o vosso deferimento, passarei a continuar a demonstração que vos comecei — da necessidade e vantagens do ensino obrigatorio.

Devo dizer-vos, senhores, que trago a esta tribuna a minha mais intima convicção.

Pertenço, muito embora collocado á sombra, a essa mocidade que, sentindo o coração cheio de amor á liberdade e tendo por objectivo o brilhante futuro da patria, não duvida empenhar todo o esforço de sua intelligencia e actividade para conseguir realizadas as suas nobres intenções.

Filho d'este seculo, em que tão largas conquistas tem feito o genero humano, rasgando em cada dia novos horisontes de luz; tendo nascido n'esta terra generosa do Rio Grande, cujo intenso amor á liberdade está attestado em paginas gloriosas de tempos já idos e nos annos da epocha que corre, fôra eu máo filho se não prestasse o meu contingente para que mais alto se levante a bandeira que a mocidade brasileira desfralda com toda a força de seu enthusiasmo, e onde se vêem gravadas estas palavras: tudo pela patria e pela liberdade.

Eu sou tambem soldado d'essa cruzada nobilissima, que intenta assegurar a felicidade do Brazil pelo triumpho das idéas adiantadas, condignas do seculo de luz e civilisação em que vivemos.

Penso, acompanhando a geral opinião, que o primeiro passo para o desideratum a que nos propomos, é instruir as gerações que surgem.

Escolas — é o grito que se levanta de um extremo a outro extremo do imperio. E eu, que adopto a opinião abalisada de D. Antonio da Costa, de que por uma que se estabelece, restituem-se á luz muitas almas, arrancão-se á fome muitas familias, na esphera limitada de minhas forças prego a necessidade da creação de escolas, nas cidades, nas villas, nas freguezias, nos districtos, onde quer enfim que haja um pequeno nucleo de população.

Mas do que serve o templo sem sacerdote para os sacrificios. o que valle o sacerdote sem auditorio a quem explique a sublimidade de seu ministerio? E' por isso que eu, desajando em cada povoado uma escola convenientemente regida, pugno pela obrigatoriedade do ensino.

Não quero que o cidadão soffra coacção nos direitos que as leis naturaes e sociaes lhe tem garantido; mas sou levado a uma restricção, a uma violencia se quizerem: exijo que o pai seja obrigado a instruir seus filhos.

Não sou dos que professão a doutrina de Machiavel, de que são licitos todos os meios para conseguir os fins; mas n'este caso não vejo que possa ser considerado máo o meio para alcançar que a luz se faça no espirito d'essa mocidade que nasce e a quem devemos destinar parte muito importante na grande obra que iniciamos e que seguramente não teremos tempo de levar a cabo.

Em seu ardente amor pela liberdade, ha quem exagere os direitos que têm os pais sobre os filhos, ha quem considere que é uma violencia dizer áquelles: não tendes a faculdade de utilizar os serviços de vossos filhos emquanto não souberem elles ler e escrever.

Mas, senhores, preciso porventura enumerar-vos os muitos casos em que o pai perde a acção que tinha sobre o filho?

Se ha de facto uma violencia, questão que não me proponho ventilar agora, devo dizer-vos que ella encontra, ao meu parecer, plena justificação, porque é um grande serviço substituir as sombras negras da ignorancia pela luz brilhante e fecunda do ensino.

Tomai um diamante arrancado á mina, e deixai-o no estado em que foi apanhado; lapidai um outro e dizei-me se este vale aquelle.

Felizmente encontramos todos de accordo n'este ponto principal: é preciso instruir o povo. Não admira que esta idéa seja hoje o programma dos povos mais adiantados, a preocupação constante dos que governão e de todos aquelles que se interessão vivamente pela causa publica, quando ella tom penetrado em paizes até aqui fechados á luz vivificadora do progresso.

O ponto de divergencia está no modo de dar o ensino — livre ou obrigatoriamente.

Póde ser que eu ande illudido, mas devo externar uma proposição de cuja exactidão estou intimamente convencido: é que, pugnando pela obrigatoriedade do ensino, eu tenho de meu lado a maior somma de adhesões.

No paiz em que as publicas liberdades maior caminho tem feito; em que a iniciativa individual é uma brilhante realidade; no paiz que todos nós, os moços, amamos de coração porque ahi

tem nascido e tomado corpo muita idéa grandiosa ; nos Estados Unidos ainda nenhum pai se julgou ferido nos seus direitos e independencia porque o Estado impôz ás crianças a frequencia obri-gatoria das escolas.

E' verdade que em alguns paizes os pais tem muitos meios de educar os filhos sem ser preciso mandal-os á escola ; mas entre nós, onde esses meios são quasi um mytho, não vejo outro recur-so senão a obrigatoriedade da frequencia das aulas publicas.

O Brazil é, mercê de Deos, abundante de riquezas ; os seus rios, os seus campos contêm thesouros immensos, que vão sendo pouco e pouco descobertos e explorados ; mas infelizmente a falta de instrucção na maioria dos casos faz com que o que podia ser tão sómente nosso, venha a partilhar-se com o estrangeiro, que acode com o concurso da intelligencia e da actividade, que não soubemos empregar.

Eu seria partidario do ensino livre se outras muito diversas fossem as circumstancias do Brazil.

O meu desejo é que todos saibão ler e escrever ; que todos co-nheção os seus deveres em relação á sociedade e os direitos que esta lhes confere. Mas digei-me : sendo licito ao pai mandar o fi-lho á escola ou dar-lhe instrucção na propria casa, ou como lhe approuver, que meios de fiscalisação temos nós para verificar se a criança recebe educação, se esta lhe aproveita ou não ?

Parece-me incontestavel que, decretada a liberdade do ensino, a consequencia seria a deserção das escolas e necessariamente o retrocesso no caminho de luz que pretendemos seguir.

Argumenta-se que em regra geral os pais, protectores natos dos filhos, com o encargo de preparal-os para figurarem no gran-de theatro da vida, são os mais directamente interessados em esclarecer-lhes o espirito, illustrar-lhes a intelligencia, incital-os ás boas praticas sociaes.

Concedo que assim seja nos grandes centros populosos, onde as luzes do seculo mais ou menos se reflectem ; onde o pai tem a consciencia do que é e comprehende a grave responsabilidade em que incorre, deixando de dar instrucção ao filho.

Não é essa sociedade a que me merece cuidados.

Sahi porém fóra das cidades e tereis o mais triste quadro diante dos olhos.

Nas povoações do interior, nem só da provincia como do im-perio todo, começa a miseria, podemol-o assim dizer, por deparar-mos com homens, bem dispostos para as lutas do trabalho, mas timidos e desconfiados das proprias forças porque falta-lhes o grande elemento da instrucção, que poderia conduzil-os seguros nos seus empreendimentos.

Se esta gente tivesse tido um mestre, que lhe fallasse das

vantagens da instrução ; que lhe dissesse que o trabalho intelligente é uma escola de virtude, uma potencia que subjuga a natureza e eleva o nivel dos povos ; que lhe repetisse que — instrução e trabalho —, em intimo consorcio, são as grandes armas do seculo para dignificar a geração presente e firmar a grandeza da que ainda está de envolta com as fanchas infantis, — o resultado d'essa propaganda seria acaso a pobreza em que vivemos, quando a natureza nos fez tão ricos ?

E, portanto, pelo impulso de grande convencimento, que vos digo : quero o ensino obrigatorio porque elle importa o meio unico de ser o Brazil um paiz illustrado.

Que fructos, perguntão os athletas do ensino livre, que fructos tem dado a vossa idéa iniciada em diversos paizes da Europa e da America ?

Já tive a honra, quando occupei pela primeira vez esta tribuna, de demorar-me na exposição dos resultados benéficos que aquella medida teve nos Estados Unidos, como na Allemanha, na Suissa como na Belgica, assim em França como em Portugal.

Se não presumo que as minhas palavras possam seduzir-vos a seguir a idéa que eu abraço, parece-me que a eloquencia dos exemplos deve fazer impressão no vosso espirito e pelo menos determinar-vos ao estado d'esta grande questão de preferencia.

Aos que citei em Novembro, vou adduzir mais outros.

Não se pôde pôr em duvida os progressos, os avanços moraes que tem feito a grande cidade commercial de Nova-York, uma das principaes dos Estados Unidos. Ainda ha pouco deu ella uma prova do interesse que lhe merece o ensino, gastando a avultada somma de dois mil contos de réis na construcção de um magnifico edificio para servir de escola normal superior no districto de King's County ; tambem ainda ha pouco foi a frequencia das escolas durante tres mezes do anno tornada obrigatoria ás crianças de oito a quatorze annos.

E' sabido que ali existe um grande numero de fabricas de todas as especies para a preparação dos productos da industria d'esse rico Estado ; que a ellas vão as crianças pedir trabalho ; pois bem : foi estabelecida a multa de cem mil réis a todo aquelle fabricante que occupar meninos d'aquella idade, sem que apresentem o attestado da frequencia já referida.

Na California foi reconhecida a necessidade de promulgar uma lei garantindo os direitos dos meninos e educação. Dos oito aos quatorze annos são os meninos e meninas obrigados a frequentar a escola pelo menos em doze semanas. São multados e condemnados nas custas os pais, tutores e curadores que infringem esta determinação. N'este caso ha o julgamento perante o concelho de instrução do districto, e se o secretario por qualquer

circumstancia deixa de proceder contra o delinquente dentro do prazo de dez dias, é multado. Só são dispensados da frequencia os meninos que provarem estar doentes, os que já tiverem recebido ou que estiverem recebendo em casa ou em escola particular a mesma instrucção que se dá nas escolas publicas, os que tiverem pais extremamente pobres ou doentes, e os que não tiverem uma escola publica aberta pelo menos tres mezes no anno dentro de uma milha de sua residencia.

Na Prussia, nos diz Hippeau, foi em 1819 publicada uma lei tornando obrigatoria a educação das moças. Houve a grita contra o ataque aos direitos da familia, mas a execução da lei foi por diante, e doze annos mais tarde as estatisticas, na sua linguagem severa e exacta, dizião bem alto que os crimes e o pauperismo tinham tido largo decrescimento. Ficou então evidente o beneficio da lei, tão acremente atacada.

Têm corrido os annos: de um lado o povo perfeitamente convencido das vantagens do ensino obrigatorio, e do outro a severa fiscalisação dos agentes da administração, têm produzido o grande resultado de elevar aquelle paiz ao apogeu de grandeza em que o vemos collocado.

A regra é: que o chefe de familia tem por dever mandar á escola publica as crianças que estão sob a sua protecção e completão seis annos de idade, quando não pôde ou não quer dar-lhes instrucção por outro qualquer meio; pena de multa e prisão correccional quando não a podem pagar.

Ainda ha pouco em Soringen, na Prussia rhenana, mais de trezentas pessoas soffrerão a applicação d'estas penalidades.

Em Hamburgo foi posta em ensaios a aprendizagem obrigatoria com o mais pleno successo.

Foi estabelecido um concelho de instrucção publica para todo o districto da cidade, que em 1872 procedeu a um recenseamento das crianças em idade de ir á escola. Uma grande parte não recebia instrucção de qualidade alguma, mas a esforços de tal concelho, o numero dos ignorantes vai diminuindo de modo a autorisar a esperanza de ficar reduzido ás minimas proporções.

Convém deixar consignado que, se eu admiro os resultados do ensino obrigatorio em diversas cidades da Allemanha e o grão de prosperidade que lograrão ellas attingir, não posso levar a bem, como o illustre orador Sr. Apelles, a obra que em 1872 se consumou por um grande attentado contra o direito. Não posso disfarçar as sympathias que voto a essa grande e admiravel nação, em cuja historia as paginas mais gloriosas significão serviços relevantissimos á civilisação e á liberdade; a essa nação, victima do maior dos infortunios, mas que ainda foi grande cahindo, porque nas horas amargas da derrota teve a seu lado a humanidade intei-

ra a gemer das suas dôres, a chorar das suas lagrimas, e a dizer-lhe: se foste victima dos erros dos que te dirigião e que caro pagarão a sua desidia, nem por isso te acurves; levanta-te e começa a obra de tua reconstrucção, porque tu serás sempre o coração do mundo. (*Bravos! Muito bem!*)

Fechando o parenthesis, devo dizer-vos que ha um facto, que é um grande argumento a prol da causa que defendo. Já não admira que as vantagens do ensino obrigatorio estejam reconhecidas nos Estados Unidos, na Suissa, na Allemanha, em Portugal e em tantos outros paizes; o que pasma é que ellas tenham penetrado em um paiz remoto e até aqui fechado aos influxos da civilisação. Cerrado ás maravilhas que se tem produzido n'este seculo, o Japão comprehendeu afinal que era tempo de ser conviva no banquete esplendido do progresso. E bem inicia a sua nova vida, procurando firmar na instrucção de seus filhos o pedestal de sua gloria futura. Foi desde logo declarada obrigatoria a frequencia das escolas para os meninos entre seis e quatorze annos. Para dar-vos uma idéa do interesse com que o governo encara o magno assumpto da educação popular, basta dizer-vos que ali ha 5,441 escolas, das quaes 3,630 são costeadas pelo Estado.

Parcece tempo, meus senhores, de voitar olhos á nossa patria e examinar ligeiramente o que n'ella se passa com relação ao ensino publico.

Para mim entendo que está ganha na opinião nacional a idéa do ensino obrigatorio.

Advogou-a no parlamento o Dr. Antonio Candido da Cunha Leitão, illustrado moço que tem feito sérios estudos sobre o assumpto e prestou relevantes serviços em relação a este ramo dos publicos negocios quando administrou a provincia do Sergipe.

E' ella praticada em S. Paulo, provincia que, seja dito em homenagem á verdade, é a sentinella do progresso do Brazil em suas multiplas manifestações. Ali, onde o espirito de associação é uma feliz realidade que nos deve causar inveja; ali onde são aproveitadas as abundantes riquezas que a mão da natureza collocou nos seios da terra para felicidade de quem as explorasse; ali onde se desfructa o bem estar que proporciona a prosperidade publica; a instrucção do povo merece tanto os cuidados do governo como de associações que a iniciativa dos cidadãos tem estabelecido, e o concurso d'estes e d'aquelle elevado ás condições de prestar notaveis serviços.

A provincia do Paraná, convencida de quão fecundo de bons resultados é o principio da instrucção elementar obrigatoria, consignou-o em lei que adoptou o anno passado, e que já começa a produzir fructos benéficos, que em breve corresponderão á expectativa do legislador.

Por toda a parte, emfim, vae sendo espalhada a grandiosa idéa, que só pôde ter por adversarios aquelles que exagerão os direitos que temos na sociedade.

Já o disse: eu seria pelo ensino livre, se me pudessem levar á convicção de que, estabelecida a fiscalisação por agentes do governo, estes verificarião realmente se os pais davão por si ou em aulas particulares, instrucção a seus filhos.

Colloco a lei como um segundo pai, com toda a força de direitos quando o pai deserta ao seu dever de instruir o filho e preparal-o por esse modo a entrar na sociedade com a plena consciencia dos seus direitos e deveres.

Não nos illudamos, senhores; encaremos as questões com attenção ás condições, ás circumstancias do nosso paiz: se é verdade que nas cidades, em geral, a primeira preocupação dos pais é mandar os filhos á escola, não é menos exacto que no interior isso é questão secundaria, pensando-se desde logo em aproveitar as crianças para os serviços que a sua constituição e forças podem comportar.

N'esta situação, que não tem senão os traços da verdade, bem haja a lei que se colloca entre o pai que o não sabe ser e o filho ameaçado de viver a tactear nas trevas da ignorancia, e toma a seu cuidado a criança para fazer d'ella um cidadão util a si, á familia e á patria!

Senhores, a instrucção, disse-o Chateaubriand, é o baptismo que devemos dar ao povo como o complemento necessario da grande obra do Creador; a instrucção é a semente bemdicta que devemos plantar no solo uberrimo do Brazil, e que ao alento de nossos cuidados ha de vir á flôr da terra, crescer e produzir os fructos que hão de constituir a grandeza de nossa patria.

N'esta tarefa nobilissima da educação nacional devemos ser todos, sem distincção de classes e de partidos, collaboradores esforçados.

Em tão sublime empenho, que é ao mesmo tempo um serviço prestado á causa publica e a observancia de um preceito da religião, porque instruir é saciar a fome dos que tem o espirito cerrado á luz, em tão nobre empenho, digo, vós, gentis senhoras, deveis tomar uma parte muito saliente.

A mulher que é o ornamento e o encanto da humanidade, e em cuja feitura empregou Deos todos os primores de seu engenho; a mulher que tem uma grande força para vencer todas as resistencias — o amor; ella, que guarda no coração thesouros de benevolencia e caridade; a mulher, que se avanta ao homem no sacrificio pela felicidade alheia, deve concorrer tambem com o seu contingente para a grande revolução que se inicia no paiz em prol da educação popular.

Nem vos falta arena para exercer a vossa actividade; quando mais não seja, porque não organisaes, á exemplo da cõrte, uma associação destinada a fornecer o necessario a infelizes meninas, que ás vezes não podem ir a escola por faltar-lhes o necessario para se apresentarem com a devida decencia? Qualquer quantia que dispensasseis aos vossos enfeites, traria consequencias muito importantes relativamente á grande causa que agita o imperio do Cruzeiro e que não póde deixar de ser abraçada por todos os seus bons filhos.

Se eu admiro a mulher que faz do lar um paraíso; que reina na familia por essa suprema potencia do coração, que se chama — o amor, pelas mais altas virtudes d'alma, — não sei a que alturas devo levar a minha homenagem quando ella, já distincta por tantos predicados, nobilita-se pela sua reflectida intervenção na communhão social e pelo seu esforço pelo progresso da patria, que não póde ser a aspiração de um só sexo.

Fazei, portanto, alguma coisa — no intuito de proporcionar ás familias desprovidas de recursos os meios de mandar as filhas á escola, afim de que as noções ahí bebidas as habilitem a ser boas esposas e boas mãis. Será isso o desempenho do augusto apostolado da mulher, em cujo coração plantou Deus, por suas proprias mãos, a flor dos grandes sentimentos e das sublimes virtudes.

Aos homens cabe tarefa por ventura mais espinhosa e importante.

Escolas por toda a parte, disse eu; mas é preciso que ao mesmo tempo formemos professores para regel-as. E' uma desconsoladora verdade: entre nós não se tem curado, como se devêra, d'essa nobre classe a quem a sociedade confia a missão altamente grave de preparar os seus futuros cidadãos. Não me refiro só ao Rio Grande do Sul; o mal alcança a quasi todas as outras provincias do imperio. Ao passo que se satisfazem pressurosamente, e ás vezes com largas verbas, os mil pedidos que apresentam as potencias eleitoraes em favôr de melhoramentos, que interessão mais á sua influencia do que á causa publica, (*muito bem; muito bem!*) é sempre minguada a verba para o ensino.

Como já vos disse o anno passado, é limitadissimo o numero de bons professores, porque a mocidade habilitada está privada de concorrer ás cadeiras publicas desde que os vencimentos não correspondem ás suas luzes e ao trabalho que é exigido. Assim, em vez de professores capazes pelo talento, pela vocação, pelas especiaes habilitações, vemos á frente das escolas, pelo menos da maior parte, homens que substituem o ideal pelo calculo, que não podem promover o ensino do que desconhecem e só fazem conta de ter casa gratuita e uns tantos mil reis por mez.

Crcemos professores; offereçamos vantagens cordiguas á ele-

vação da tarefa que lhes é commettida ; colloquemos á frente das escolas cidadãos capazes de sacrificios nas aras da patria ; questão é esta de maxima importancia, que não soffre controversia.

Estabeleçamos no Brazil inteiro a frequencia obrigatoria, como nos paizes que já citei ; constituamos escolas onde quer que haja numero sufficiente de meninos para cursal-as ; confiemos a sua direcção a homens que considerem a sua tarefa como um sacerdocio, nunca como uma mercancia ; venha a iniciativa individual coadjuvar n'este magno empreendimento, fornecendo roupa e os demais accessorios para que as crianças pobres possam ir á escola : façamos tudo isto e teremos com certeza assegurado gloriosos destinos a esta terra abençoada, que tão fervido culto nos deve merecer.

Percorrei as nossas cadêas, indagai das condições dos reclusos e verificareis que a maior parte não sabem ler.

Os fructos da ignorancia se traduzem no largo numero de criminosos que ferem a sociedade, affrontão as leis naturaes e vão depois atirados aos carceres, onde reinão as tristezas eternas.

O homem instruido póde vir a ser um criminoso, porque os delictos não são exclusiva partilha dos ignorantes ; mas sobre aquelle ha a probabilidade de que a illustração de seu espirito abra lugar á reflexão e aos prudentes juizos.

Senhores, sinto ser tão fraco em momento tão solemne : o assumpto é vasto, convinha que tivesse desenvolvimento mais completo ; mas as forças esgotão-se-me e sou forçado a deixar a tribuna, levando a consciencia de ter dado á causa que defendo quanto lhe podia offerecer.

Não lhe dou intelligencia porque a não possui ; o prestigio de um nome porque o não tenho ; só posso prestar lhe toda a boa vontade de um moço, que comprehende que no amor sincero e devotado pela patria está o seu melhor titulo de apresentação na sociedade.

Esforcemo-nos por ser grandes, mas d'essa grandeza que se conquista pelo TRABALHO, pela INSTRUCCÃO, pela LIBERDADE

É o TRABALHO uma grande escola, em que se apura e nobilita a dignidade do homem. Elle nos aponta o caminho que vai dar á felicidade, desviando-nos a attenção de tudo quanto póde conduzir-nos a extravios e a máos actos. A lei do trabalho foi pregada pelo Nazareno, que disse ser ella o fundamento das sociedades que aspirão recommendar-se por sua boa organização.

A INSTRUCCÃO é uma escola destinada a formar cidadãos dignos pela honra e pelo character. O patriotismo, esse sentimento grandioso, não póde gerar-se senão n'aquelles que á luz do ensino aprenderão o que são e o que devem á sociedade.

TRABALHO e INSTRUCCÃO, firmando em largas bases a grandeza

do imperio de Santa Cruz, assegurão os triumphos da LIBERDADE.

O illustre defensor do ensino livre, ornado das mais esplendidas galas a sua palavra fluente e sympathica, concluiu n'uma saudação entusiastica á liberdade.

Tambem, como elle, a amo; tambem lhe sagro adorações e lhe presto o culto ardente do meu amor. Por ella, para mantel-a imperterrita no throno augusto que a Providencia lhe destinou, estou prompto a combater no posto que sêr compativel com as minhas forças.

Para fechar o meu discurso, seja-me permittido ir pedir de emprestimo a um elegantissimo escriptôr as palavras com que saudou a liberdade:

« Eu sou pela liberdade, escreveu elle, palavra divina que povou a terra de artistas, de herões e de martyres; que inspirou generosos sacrificios; que scintilla na fronte dos poetas quando abrem as azas á imaginação: que inauda de luz a alma do philosofo, quando se arrouba em contemplar a verdade; palavra que pronunciavão os que morrião pela patria nas Thermopilas, e os que morrião por Deos nos *circos* romanos e os que morrião pela humanidade nas primeiras guerras insignes do nosso seculo; palavra que está escripta na frente dos nossos Codigos, no livro das nossas Constituições; que se acha indelevelmente gravada na nossa consciencia; palavra pela qual se tem sacrificado infinitas gerações, e que resôa como um echo sem fim desde as primeiras até ás ultimas paginas da historia humana!

(Muito bem! Muito bem! O orador é cumprimentado.)

HYLDA

(ROMANCE)

XI

Depois que Julio leu as cartas de seu pai e de Hylda, só teve n'esse momento um pensamento. Era vir a Porto Alegre para amparar aquella mulher que o amava em delirio e a quem elle havia denegrido a alvura de suas azas cambiantes.

Muitas vezes porem nem sempre triumphão as mais nobres intenções. A fatalidade levanta-lhes de permeio insuperaveis difficuldades; retarda-lhes o seu ancioso avanço, quando não os quebra e mata ao primeiro embaraço.

E foi isto o que succedeu nesta occasião.

Julio estava bem doente e aquella triste e desesperadora noticia veio aggravar ainda mais o seu melindroso estado, que já ha muito inspirava serios cuidados aos amigos que o tratavão desvelladamente.

No momento porem que teve conhecimento da desgraça, e da horrivel situação em que se achava sua amante, nenhuma demonstração de pesar se desenhou em sua physionomia.

A noite d'esse dia aziago foi-lhe bem amargurada.

Não pôde conciliar o somno e só pela manhã seguinte o conseguiu, cahindo depois n'um assustador abatimento.

Os medicos e os amigos redobrarão de esforços, mas desgraçadamente já era tarde.

Trez dias fazião que recebera aquella dolorosa noticia, quando sua alma alou-se ás regiões do infinito.

E n'esse instante extremo, em que sua alma rompia as cadeias da vida, ouviu-se, cheio de dor e de tristeza, expirar á flor de seus labios, o nome da extremecida amante, como a vibração de uma harpa que a aragem estremeceu docemente.

XII

Dous mezes havião decorrido, e infelizmente Hylda ignorava o doloroso golpe que estava ainda reservado, para cúmulo de suas afficções.

Forão dous mezes crueis.

N'uma hora de dêr, de agonia e desespero, um momento que foge parece recrudescer os males que se soffre.

Quanto mais dous mezes! . . .

E depois na triste situação em que ella se achava, aquelle silencio tão longo era para mortificar lhe immensamente.

Nas suas vigalias, nas horas de tristeza e de saudade, em que sua alma avivava as doces scenas de um passado de delicias, quantas vezes Hylda não sentio crestarem se as rosas das faces ás lagrimas da desventura?! . .

O fel mais amarga quando ainda temos sobre os labios a humidez da doçura, que não sacia, mas que embriaga a alma e o coração.

Ella via-se de todo abandonada, sem uma esperanza, sem uma illusão doirada que lhe affagasse o espirito e lhe dêsse allivio ao coração magoado: sua alma debatia se n'uma atmosphera asphixiadora e tenebrosa como o seio de um abysmo.

Vivia no vicio, porem sua alma era nóbre e bella como a flor que o tufão quebrou no hastil e que conserva ainda depois de tombada o viço e a belleza da florescencia.

Se Hylda perdeu se nos lodaçoes do crime, ella não teve culpa.

O abandono do protector, a sua inexperiencia de moça, ou então um momento de delirio, forão as causas de todos os males que lhe sobrevierão.

Mas na propria adversidade a sua alma era nóbre e generosa.

Em sua desgraça nunca se queixou de ninguém, accusava unicamente o seu scudestino.

Era uma triste consolação...

XIII

Entregue aos desvarios de uma vida licenciosa, estava Hylda, quando recebeu a noticia da morte de seu companheiro de infancia.

Um só pensamento teve então:

Abandonou com horror a existencia desregrada que levava e entregou-se inteiramente ao culto saudoso de um amor extincto.

Os braços da cruz vinhão levantar agora a mulher que cahira no tremedal dos vicios.

Tudo para ella havia se acabado no mundo. Só a recordação de um affecto a dominava então, só a veneração por um sepulchro lhe absorvia inteiro o pensamento.

A porta de sua casa fechou-se para sempre aos dissipadores da fortuna, aos seus convivas nos festins ruidosos do crime,

Esta resolução inesperada de Hylda, causou um verdadeiro pasmo em toda a cidade.

Ninguém fallava n'outra cousa; era nos botequins, nas ruas, nos passeios e em toda a parte finalmente.

Uns dizião que um novo amante, um moderno Vulcano animára aquella estatua enregelada. Outros mais benevolentes propalavão que era romantismo, nostalgia, tedio da vida, ou feitos da leitura de Luciola.

Todas estas presumpções porem crão falsas.

Um novel cultor das musas querendo aproveitar este thema romanesco, teve o arrojo de estampar nas columnas do *Rio-Grandense*, com endereço a pobre Hylda, seis ou sete oitavas decasyllabas com o doce titulo de — Magdalena.

Esta prova de engenho do poeta custou-lhe caro.

Duas moftinas satyricas em estylo biblico fizeram o nascente cantor mudar de rumo e abafar os sons de sua lyra durante cinco a seis mezes.

As musas em vez de lamentarem, quer me parecer, que só tiverão a ganhar com o temporario recolhimento do poeta sentimental.

E' uma convicção como outra qualquer.

CONCLUSÃO

Um anno ha decorrido depois dos ultimos acontecimentos.

Hylda abandonou para sempre o seu lugar nos loucos festins da deshonra: é uma outra creatura, é uma outra alma que resuscitou para as doçuras inexprimiveis do lar.

Agora é mãe, — e os sentimentos poderosos da maternidade reviverão, naquella alma galvanizada nos delirios febris da perdição; nova Magdalena, ainda ha tempo, banhou a fronte bella e pallida nas aguas lustraes do arrependimento.

Deixou a cidade de Porto Alegre e voltou ao doce isolamento das praias desertas do Tramandahy, donde nunca devera ter sahido.

Seu pai já não existe. Um anno depois de sua partida expirou aos beijos de Julia, nas mais crueis agonias. Deos foi misericordioso. Arrebatou-o aos céos para poupal-o aos transeos amargos da deshonra de sua filha.

Quando Hylda voltou ao berço em que nascêra, encontrou o velho rancho mais arruinado, silencioso e deserto. Mas como bom filho veio de novo povoal-o

E ali vivem aquelles tres corações bem felizes.

Longe do bulicio ruidoso da cidade, esquecida do seu passado, do mundo e de todos, Hylda só vive para a filhinha, e contempla a toda a hora, a cada instante com o doce e santo desvanecimento de mãe.

ACHILLES PORTO ALEGRE.

IMPRESSÕES

Sinto n'est'alma rebentar-me a seiva,
Seiva de amor que se alimenta em pranto !

I

Lá surge a aurora no horisonte infindo,
Entre os folguedos de gentil manhã...
Treme a folhagem no passar das auras,
Palpita a rosa a se entr'abrir louçã.

Manso, bem manso, o doce orvalho tomba
Por entre os lyrios que a campina tem ;
Desperta a ave nas senis florestas,
Saúda a aurora que rompendo vem !

Santos idyllios ! matinaes folguedos !
Brandos queixumes que passando vão...
Aves do bosque recortando o espaço,
Soltão seus hymnos de infantil paixão !

Rasgão-se as nuvens no horisonte infindo,
Titan lá surge com gentil fulgor !...
Oh ! quantos mundos d'infinitas crenças,
Sinto em meu peito a palpitar de amor !

Oh ! quantas virgens de nevadas vestes
Eoleas harpas vão vibrando além !
E o doce orvalho mansamente tomba
Por sobre as rosas que a campina tem !

Vôa minh'alma, phantasia vôa,
A esses mundos que a chorar perdi ;
Quero das sombras reerguer a imagem,
Por quem meu peito palpitar senti.

E tu oh ! virgem por quem soffro e tremo,
Casta açucena dos vergeis de amor ;
Quero em meu seio te quedar a fronte,

Toda coberta de gentil pallor !

Quero te ouvir a descantar um hymno,
— Sentida trova. que o soffrer traduz,
Quero em tens olhos espraiaer minli'alma,
Toda innundada na divina luz !

Abre-me as azas phantasia louca...
Quero com ella remontar-me além...
A esses mundos onde, a paz se abriga,
Junto d'aurora que rompendo vem !

Quero com ella deslisar sorrindo
De plaga em plaga procurando um céu !...
Fulgida auréola lhe circunde a fronte,
Então baixinho lhe direi : — sou teu !

Rasgão-se as nuvens no horisonte espessas,
Lá surge a aurora de esplendente luz !...
Desperta um bando de gentis phalenas,
E vôa... vôa... pelos céos azues !

II

Oh ! triste coração, porque palpitas ?
Minha mente febril, porque te abrazas ?
E tu, ó phantasia. onde me levas
No doudo volitar das tuas azas ?

No deserto onde o sol calcina a planta
Não póde o viajor achar conforto ;
Busca a oases de amor, e cahe prostrado
Sobre um solo de fogo, exaustos... e morto !

III

Porque minli'alma a divagar na treva,
Buscas a imagem que encontraste um dia ?
Não vês que passa qual visão das sombras,
Sombra de um sonho inanimada e fria ?

Onde esse fogo que lhe abraza o cranco?...
Onde a scintilla que lhe anima a vida?
Ai! rosa marchada n'aridez do ermo,
Sem côr, sem viço, de matiz despida!

Ohi! Galathéa dos modernos tempos,
Sagra me a chamma que o Senhor te deu!...
Dá-me esses sonhos que fecundão creanças,
Dá-me a ventura que por ti morreu!

SILVINO VIDAL.

Rio Grande — 1875.

UMA SAUDADE

(A CELESTINA GUSMÃO)

Já não vive! A mão da morte
A pobresinha arrastou.
Como arrasta a correnteza
A flôr que n'agua tombou.

Viven o espaço de um dia
Como a flôr da solidão,
Que se inclina, mal presente,
A lufada do tufão.

Como a andorinha que foge
Em busca de um novo céu
Tambem, ella, o doce arch anjo
As niveas azas bateu.

Foi em busca de outro clima
De mais lindos arrebóes,
Foi em busca d'outras flores,
Foi em busca d'outros sóes.

Já não vive! A mão da morte
A pobresinha levou;
Mas no ninho onde nascêra
Uma saudade brotou.

30 de Junho de 75.

MANFREDO.

CHRONICA

MUSEU. — O Parthenon Litterario no seu patriotico empenho, vai, de dia em dia, assignalando em sua existencia civilisadora, o interesse e o amor que vota a esta abençoada provincia, fadada pela uberdade de seu solo, pelos thesouros de suas minas, que ainda não sentirão o attrito da alavanca do progresso, e sobre tudo pelo talento e heroismo e character franco e generoso de seus filhos, a representar uma posição eminente na commnidade brasileira.

Cada passo que o Parthenon dá significa mais um triumpho para a conquista do pensamento, mais uma victoria ganha á luz esplendida do futuro.

Felizmente o desanimo não pôde uma vez sequer entorpecer as fibras do coração ardente d'essa phalange trabalhadora, que nos bancos de sua modesta officina, tem tudo sacrificado para a realisação de seus sonhos d'ouro, que são as ambições da nova geração que se ergue cheia de vida, de crença e de esperança.

Não contente o Parthenon com o estabelecimento de uma bibliotheca, com a instituição das aulas nocturnas e com a proficuidade das prelecções em seus sarãos e da publicação de uma revista mensal que faz honra a nossa provincia, acaba de crear um museu, onde os seus associados possam encontrar alguns recursos para o aproveitamento das sciencias naturaes.

Deve-se esta importante resolução a iniciativa de seu benemerito presidente, o Sr. Firmiano Antonio de Araujo, que de dia em dia, recobra de esforços na consolidação dos nobres foros que esta sociedade tem conquistado.

E' de esperar, pois, que toda a alma patriótica, interessada na grandeza d'este abençoado paiz, avaliando os dignos esforços do Parthenon o secunde na realisação d'esse novo tentamen, remetendo á sua directoria qualquer producto da nossa variada e rica natureza.

EXPOSIÇÃO PROVINCIAL — Inaugurou-se no dia 24 a exposição da provincia.

Forçoso é confessar porem que n'esta festa da intelligencia e do trabalho não apparecessem alguns productos mais importantes e curiosos do Rio Grande.

As exposições anteriores forão, sem duvida, mais dignas da nossa provincia.

Ahi se vião trabalhos de couro, de lonca e porongo e outros artefactos os quaes não só attrahião pela novidade assim como pela delicadeza da mão executora.

Temos porem firme convicção, que em um outro concurso d'esta natureza, a nossa cara provincia se avanteje ao d'este anno, onde grande parte dos nossos productos ficarão no esquecimento, dando assim uma triste idéa do nosso adiantamento industrial bem como da nossa criminosa indifferença pelos ricos thesouros que vivem sepultados nos seios d'esta região opulenta.

SARÃO. — No dia 20 realizou-se no salão do Club, o 18.º sarão litterario.

Subio á tribuna das prelecções nosso distincto amigo Aurelio de Bittencourt.

O illustrado preleccionista veio de novo defender as idéas a favor da obrigatoriedade do ensino, hoje em dia o alvo das aspirações de todo o paiz.

No grão de atrazo em que se acha, desgraçadamente, a instrucção entre nós, só o ensino obrigatorio nos poderá dar beneficos e promptos resultados.

A Suissa, a Allemanha e a União Americana, quasi em sua totalidade, têm colhido as melhores vantagens d'este systema. Ainda em Janeiro d'este anno o Estado de Nova-York, vendo o bom exito de suas co-irmãs, tornou effectiva em seu territorio, a lei do ensino obrigatorio.

Estes e outros muitos exemplos comprovão a proficuidade de semelhante medida, que deve quanto antes tornar-se em realidade entre nós. Só assim veriamos o Brazil digno de seus filhos, occupando entre as nações cultas o lugar de honra, que a Providencia lhe destinou.

Cumpre-nos ainda apertar a mão do illustre propagandista do ensino obrigatorio, que n'este sarão soube arrancar por mais de uma vez os applausos entusiasticos de tão escolhido auditorio; atacando, com o vigor de sua alma de moço, as causas do atrazo da nossa instrucção e tornando bem salientes, os effeitos brilhantes da obrigatoriedade do ensino.

Tomarão parte na festa d'esta noite as Exmas. Sras. D. Dorothea Chagas, D. Maria José Coelho, D. Maria Luiza Gomes, D. Patricia Vieira Lima, D. Maria José de Menezes e D. Felisberta Vieira Lima.